

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
EXTRAORDINÁRIO APROVEITAMENTO EM FILOSOFIA

CÉLIO RODRIGUES DE SOUZA

O DESENVOLVIMENTO DO MODO DE ENTENDER A PESSOA HUMANA: O
PERSONALISMO WOJTYLIANO FRENTE AOS PROBLEMAS MODERNOS

ANÁPOLIS – GO

2019

CÉLIO RODRIGUES DE SOUZA

O DESENVOLVIMENTO DO MODO DE ENTENDER A PESSOA HUMANA: O
PERSONALISMO WOJTYLIANO FRENTE AOS PROBLEMAS MODERNOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis-GO, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS – GO

2019

CÉLIO RODRIGUES DE SOUZA

O DESENVOLVIMENTO DO MODO DE ENTENDER A PESSOA HUMANA: O
PERSONALISMO WOJTYLIANO FRENTE AOS PROBLEMAS MODERNOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis-GO, como
requisito essencial para obtenção do título de
Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof.
Ms. Tobias Dias Goulão.

Anápolis-GO, 25 de novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Tobias Dias Goulão

Profa. Magna Souza Moreira

DEDICO...

A todas as pessoas humanas que buscam a valorização de sua dignidade. Àqueles que lutam contra tamanhas ideologias que buscam a destruição da família, e a própria destruição.

Aos meus irmãos de turma de Seminário, que tanto me estimularam para a elaboração deste.

Ao Professor Pe. Dr. Francisco Agamenilton, que devido a sua dedicação e admiração pelo Personalismo Wojtyliano, me ajudou a querer estudar e a admirar este tema.

A minha mãe, Célia, que tanto me ensinou e cobrou, desde criança, a importância do estudo.

Por fim, a Deus e a sua Mãe e minha, Nossa Senhora de Guadalupe, e claro, São João Paulo II, Karol Wojtyła, filósofo da pessoa, pela intercessão e inspirações.

AGRADECIMENTOS

A PESSOA

“A pessoa humana se dá na Relação”, já dizia Karol Wojtyła.

Toda pessoa humana têm por trás de si pessoas que te inspiram, que te ensinam, que te amam.

Então, agradeço àquelas pessoas que me inspiraram, que me ensinaram, que me amam!

Agradeço àquelas que, na relação – eu e tu – me ajudaram a conhecer-me, a ser uma pessoa melhor, a me encontrar.

A essas pessoas:

Gean... Hiago... Kallas... Marcus Vinícius... Matheus... Wanderson...

Aos “sete” que, juntos, estamos buscando perseverar... pois quem perseverar até o fim será padre, digo, salvo!

A essas Pessoas meus sinceros agradecimentos.

[...] perguntamos: “Senhor que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?”. (Salmo 8,5)

RESUMO: O presente trabalho examina o modo de entender a pessoa humana em toda a história da filosofia, segundo autores que conceituaram e buscaram entender este ser que merece tanto respeito e admiração, o homem. Sempre segundo a perspectiva personalista de Karol Wojtyła, filósofo da pessoa. Realiza-se a minuciosa revisão dos conceitos e pensamentos de todos aqueles filósofos que buscaram acertar, embora erroneamente, sobre: “O que é o homem?” ou “Quem é o homem?”. Por fim, far-se-á uma análise das ideologias pessoais que buscam a negação do homem enquanto ser, para se combater, segundo o pensamento wojtyliano, a crise que aflige a humanidade nos tempos modernos.

Palavras-chave: Personalismo. Filosofia. Karol Wojtyła. Pessoa Humana. Ideologias.

***ABSTRACT:** This paper examines the way of understanding the human person in the whole history of philosophy, according to authors who conceptualized and sought to understand this being that deserves so much respect and admiration, man. Always from the personalistic perspective of Karol Wojtyła, philosopher of the person. A thorough review of the concepts and thoughts of all those philosophers who sought to correct, albeit erroneously, about “What is man?” or “Who is the man?”. Finally, an analysis will be made of the personal ideologies that seek the denial of man as a being, to combat, according to Wojtylian thought, the crisis that afflicts humanity in modern times.*

***Key words:** Personalism. Philosophy. Karol Wojtyła. Human Person. Ideologies.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O DESENVOLVIMENTO DO MODO DE SE VER O HOMEM	10
2.1	ANTIGUIDADE – O HOMEM ENQUANTO SER.....	10
2.1.1	A concepção de Platão do Homem	11
2.1.2	A concepção de Aristóteles do Homem	12
2.2	O GIRO COPERNICANO DE DESCARTES – HOMEM ENQUANTO CONSCIÊNCIA	13
2.3	O PENSAMENTO PÓS-CARTESIANO	15
2.4	SÍNTESE WOJTYLIANA	18
3	O CONCEITO DE PESSOA	21
3.1	A SUBSTÂNCIA INDIVIDUAL DE BOÉCIO	22
3.2	O GIRO METAFÍSICO DOS EXISTENCIALISTAS	24
3.3	WOJTYLA E A PESSOA HUMANA	26
3.3.1	A Dignidade da Pessoa Humana	27
4	O COMBATE AS IDEOLOGIAS APESOAIS	31
4.1	O COMUNISMO E A NEGAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE.....	32
4.2	A IDEOLOGIA DE GÊNERO E A NEGAÇÃO DO <i>SUPPOSITUM</i>	34
4.3	A NOVA ERA E A NEGAÇÃO DA ESCALA DOS SERES.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

“Encontrando as pessoas, lendo um jornal, acessando a internet ou vendo televisão, facilmente constata-se o pluralismo de diferentes ordens na sociedade” (DAMASCENA, 2016, p. 39). Um pluralismo caracterizado pela predominância de uma heterogeneidade cujas partes são cada vez mais adversárias e individualistas. Não foi diferente na história da filosofia, onde filósofos procuraram, de diversas formas, encontrar um sentido para o homem. E houve um grande desenvolvimento do modo de se entender o homem, desde a antiguidade chegando à contemporaneidade, tendo, entremeados, a síntese wojtyliana sobre o ser pessoa humana.

Nesta época de crise de ideologias e de um meio social tão rico de informações como carente de referências, vê-se a necessidade de contar com uma antropologia que proporcione uma visão integral, harmônica e profunda do homem. O pluralismo de pessoas cede lugar ao pluralismo de coisas. A pessoa humana é reduzida à condição de objeto com essas ideologias apessoais. Isso devido, ao pensar, aparentemente, do ser humano contemporâneo que quer entender a pessoa humana segundo seus próprios pressupostos.

Esta situação gera a necessidade de uma filosofia personalista para descobrir e redescobrir a pessoa humana (Ibid, 2016). Em vista disso, neste trabalho, pretende-se responder perguntas no âmbito antropológico acerca do homem, da pessoa humana. A resposta consistirá na apresentação do personalismo de Karol Wojtyła (1920-2005), polonês, literário e professor de ética da Universidade de Lublin, cardeal de Cracóvia e posteriormente o papa João Paulo II. O homem Karol Wojtyła e o pastor João Paulo II, quis com sua filosofia assumir o que já existia, reconheceu o essencial, e colocou-o no contexto do nosso tempo e expressou de um antigo e sempre novo, afim de salvar a mensagem do ser pessoa humana e o conhecimento da história do homem para as gerações posteriores. A imagem do homem foi e está sendo desfigurada, até o ponto de tornar-se irreconhecível, e torná-la novamente acessível para o próprio homem foi o que Wojtyła fez.

Para Wojtyła – filósofo da pessoa – a pessoa é referencial que possibilita entender o lugar do homem no mundo. O estudo do homem é de caráter preocupante, pois “o homem só pode salvar-se no próprio homem” (SANTOS, 2017, p. 11). O homem de hoje em dia parece hesitar e temer frente aos problemas que ele mesmo gerou.

No início da *Gaudium et Spes*, pode-se ler:

Nos nossos dias, a humanidade, cheia de admiração ante as próprias descobertas e poder, debate, porém, muitas vezes, com angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e coletivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem (CONCÍLIO VATICANO II, p. 144; GS 203).

Wojtyla vem afirmar que a filosofia da pessoa se encontra impulsionada pelos grandes problemas que o desenvolvimento, em aspectos quantitativos, e o processo cultural trouxeram para a vida do homem atual. O homem se encontra em uma cultura pouco ou nada estruturante, com a presença frequente de uma grande confusão, que produz desorientação no âmbito da identidade e da orientação sexual.

Ideologias foram lançadas, filósofos cristãos contrapuseram-se, mas uma só será a solução. Mostrar a verdadeira dignidade da Pessoa Humana. E Karol Wojtyla contribuiu, com a sua concepção de pessoa, para o enfrentamento de determinados problemas de nosso tempo.

2 O DESENVOLVIMENTO DO MODO DE SE VER O HOMEM

“De todas as coisas admiráveis da natureza, escreve o poeta grego, não conheço nenhuma tão admirável quanto o homem” (GILSON apud VILELA, 1968, p. 11).

Viveu-se e ainda vive-se em uma época de grande crise existencial no âmbito antropológico, onde várias foram as tentativas de pensadores, e de suas respectivas correntes, de dar respostas às indagações: ‘Quem é o homem?’, ‘Quem sou eu?’, pergunta feita até em um conto, onde uma lagarta a faz à Alice, ajudando-a na sua caminhada pessoal. Sim, é preciso, também como Sócrates, conhecer-se a si mesmo para entender quem sou eu, e, conseqüentemente, quem é o homem. Essas perguntas abrem uma questão filosófica muito ampla e que vem a ser discutida até hoje. O homem almeja conhecer a si mesmo e só poderá desenvolver-se e achar seu caminho se conseguir responder essa pergunta, ainda que vá chegando à verdade às apalpadelas.

Nota-se, então, que desde a antiguidade até a contemporaneidade, pensadores tentaram evidenciar, com autonomia, o que é o Homem, qual o seu valor, qual a sua dignidade. Estes desmiuçaram em conceitos, elevando o Homem ao mais alto nível, bem como, diminuindo-o sem dignidade alguma. Estes procuraram apenas dar respostas, apesar de erroneamente serem elas, do que seria este Ser, o Homem.

É preciso entender que “não é o homem que se propõe os problemas: o mesmo homem é o problema e sua existência é problemática. A filosofia do homem não inventa os problemas do homem. Ela os acha, os examina criticamente, e tenta dar-lhes uma resposta” (LUCAS, 2005, p. 07).

2.1 ANTIGUIDADE – O HOMEM ENQUANTO SER

Na filosofia antiga, os sofistas eram aqueles - que como sua própria etimologia aponta - sábios que procuravam dar respostas aos problemas vigentes. Não diferente dos tempos hodiernos, os sofistas enfrentavam problemas de cunho antropológico, isto é, problemas que dizem respeito ao homem e à sua posição na sociedade (REALE; ANTISERI, 2007, p. 73). Estes constituíram uma radical inovação da problemática filosófica, deixando o eixo das pesquisas no âmbito cosmológico para o antropológico (Ibid, p. 73).

Era próprio destes, e outros filósofos, se perguntarem o porquê das coisas, e várias indagações foram deixadas em aberto para os tempos vindouros, principalmente no que tange ao homem, pois estes não chegaram ao cerne da questão.

A problemática antropológica apresenta-se na vida concreta em modos diversos. Mas a que irá apresentar-se é a reflexão sobre o homem nascer do assombro e da admiração frente ao universo, como frente ao homem e as suas criações (LUCAS, 2005, p. 07). A admiração revela uma atitude contemplativa orientada ao reconhecimento da grandeza e do mistério do homem. Já na antiguidade Platão e Aristóteles o dizem expressamente. “É verdadeiramente próprio do filósofo este *pathos* (πάθος), o maravilhar-se, e não tem outro início a filosofia”¹ (PLATÃO apud LUCAS, 2005, p. 08). E Aristóteles o segue: “Os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores”² (ARISTÓTELES apud LUCAS, 2005, p. 08).

Em geral, como lembra Etienne Gilson em sua obra³, as escolas e pensadores pagãos, que se dedicaram com empenho ao estudo do homem, não barraram o caminho no sentido do reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Pelo contrário, prepararam esse caminho. Para confirmá-lo, basta lembrar as doutrinas dos estoicos e epicureus, ou os nomes de Epicteto, Sêneca, e principalmente Platão e Aristóteles (VILELA, 1968, p. 13).

Todavia, apesar de seus altos e nobres esforços, o pensamento pagão, por nenhuma de suas escolas, nem por nenhum de seus pensadores, chegou a formular uma metafísica da pessoa humana - seja por não haver ultrapassado o plano moral, como no caso dos estoicos e epicureus - seja por não possuir do individual uma ideia bastante elevada para fazê-lo, como no caso de Platão e Aristóteles (Ibid, p. 13).

2.1.1 A concepção de Platão do Homem

É evidente que o platonismo é uma filosofia centrada nas Ideias. É o mundo das ideias que fascina Platão. Para ele, somente as Ideias são realidades verdadeiras. O

¹ PLATÃO, *Teeteto*, 155 d.

² ARISTÓTELES, *Metafísica*, A 2, 982 b 10.

³ *L'esprit de la philosophie médiévale*.

individual é uma realidade imperfeita, uma sombra fugaz, uma participação acidental da Ideia. Somente esta é necessária, imutável, eterna (VILELA, 1968, p. 13).

Assim, no que se respeita ao ser humano, o que importa, para o mestre da Academia, é o Homem: os indivíduos concretos não passam de acidentes temporários do Homem. Ainda mais: mesmo quando transfere suas preocupações da população do mundo das Ideias para a população deste mundo, Platão absorve o homem individual no Grande Homem - o Estado (Ibid, p. 13).

É verdade que Platão não defende um igualitarismo individual: há indivíduos superiores e indivíduos inferiores. Isso, porém, não resulta das características próprias de cada individualidade, mas da participação mais ou menos completa de cada indivíduo numa realidade comum – a Ideia Homem, que é a única realidade verdadeira (Ibid, p. 13).

Além disso, Platão se inspira em forte dualismo entre alma e corpo; aqui o corpo é entendido como cárcere da alma. Nesta concepção dualista de Platão, a relação entre corpo e alma, introduz, além da participação da perspectiva metafísico-ontológica, a participação do elemento religioso derivado do Orfismo, que transforma a distinção entre alma (suprassensível) e corpo (sensível) em oposição ao modo de entender de Sócrates, que é sendo o corpo instrumento a serviço da alma (REALE;ANTISERI, 2007, p. 152).

Então, Platão, como Sócrates, adota a concepção de que o homem é alma!

2.1.2 A concepção de Aristóteles do Homem

O mundo verdadeiramente real de Aristóteles é outro mundo que não o de Platão: Aristóteles é um realista deste mundo, e não do mundo das Ideias. Para Aristóteles, a realidade verdadeira é o individual: somente os seres individuais, particulares, singulares, existem realmente. As ideias são abstrações: só existem na mente. No caso do homem, então, só nos indivíduos humanos a humanidade existe (VILELA, 1968, p. 14).

Aristóteles ao falar do homem, situou-o no âmbito da física, por se tratar de uma substância sensível. Para o Estagirita, o homem é um sínolo de forma e matéria (REALE;ANTISERI, 2007).

Mas, como na de Platão, na doutrina de Aristóteles é ainda o universal que prevalece. A filosofia de Aristóteles é essencial e não existencial. O que empolga o Estagirita é a espécie incorruptível e não os indivíduos corruptíveis. Estes existem, apenas, para assegurar a imortalidade da espécie, ou, em termos equivalentes, a

multiplicidade dos indivíduos outra coisa não é senão o substituto da unidade da espécie (VILELA, 1968, p. 14).

Sobre isto, Etienne Gilson afirma:

Se bem que as únicas substâncias que ele reconhece sejam homens, isto é, a forma específica da humanidade individualizada pela matéria, Aristóteles não considera a multiplicidade dos indivíduos senão como substituto da unidade da espécie. Na falta de uma humanidade que não pode existir à parte, a natureza se contenta com suas pequenas moedas, que são os homens. Cada um de nós nasce, vive um tempo breve, e desaparece para sempre sem deixar traços; mas, que importa, se novos homens nascerão, viverão, morrerão e serão, por sua vez, substituídos por outros? Os indivíduos passam, mas a espécie dura. No final das contas, o indivíduo que subsiste e passa não tem outra função senão a de assegurar a permanência do que não subsiste, mas não passa (GILSON apud VILELA, 1968, p. 14).

Nota-se que a participação acidental e imperfeita do Homem, como em Platão, ou apenas membro da Espécie Humana, como em Aristóteles. Conclui-se, então, que a pessoa humana concreta, na concepção platônica e aristotélica, não passa de um “futuro morto” (VILELA, 1968).

2.2 O GIRO COPERNICANO DE DESCARTES – HOMEM ENQUANTO CONSCIÊNCIA

Não mais como os medievais, Descartes baseia sua filosofia em uma tripartida: Eu (alma), Deus e o Mundo (coisa existente; coisa pensante).

Com *Cartesius* a filosofia registra uma reviravolta decisiva: assume uma postura diversa daquela antiga e medieval, onde o Ser era o ponto de partida. A filosofia torna-se uma filosofia marcadamente gnoseológica, isto é, pretende verificar o valor do conhecimento humano. Aqui têm-se não mais uma filosofia ontológica, mas o homem como ser pensante que se relaciona com o mundo.

Por que tal reviravolta? *Cartesius* constata a impossibilidade de se atingir um acordo definitivo para os problemas metafísicos, assim propõe uma investigação sobre o instrumento e sobre o método com o qual se havia feito filosofia até aquele momento. Segundo ele, o método aristotélico-escolástico do silogismo não serve para avançar no conhecimento científico, substituindo toda lógica formal em quatro regras: evidência,

análise, síntese e enumeração. Com isso, *Cartesius* quer chegar a um método universal para todo o universo; aplicado a toda realidade.

Para isso, a descoberta destas regras precisam de um fundamento absoluto, que Descartes vai chamar de Dúvida Metódica, que nada mais era do que pôr em dúvida tudo aquilo que existe. Mas, ele queria uma certeza indubitável, uma certeza que não deixasse brechas pra dúvidas, o que ele chamou de *Cogito*, o eu pensante. A filosofia só pode atingir certezas se se libertar de toda convicção que não tenha superado o teste da dúvida radical. A dúvida é um meio para atingir uma certeza absoluta que os filósofos anteriores não teriam conseguido. Deve-se fundar a filosofia sobre a própria razão, e não sobre tradição filosófica (REALE;ANTISERI, 2005B).

Descartes tinha a certeza de que o fato de duvidar de tudo, deveria haver algo indubitável, que será o fundamento de uma nova filosofia: “*Cogito ergo sum*”. O “penso logo existo” significa que o primeiro princípio da filosofia não é a não-contradição ou causa e efeito, mas sim o sujeito pensante. O *Cogito* é a certeza que o sujeito pensante tem sua existência como tal.

A partir disso, toda realidade vai dividir-se em: *Res Cogitans* e *Res Extensa*. E é aí que entra o homem enquanto consciência: a dicotomia corpo e alma.

Ao contrário de todos os outros seres, no homem encontram-se juntas duas substâncias claramente distintas entre si: a *res cogitans* e a *res extensa*. O homem é uma espécie de ponto de encontro entre dois mundos ou, em termos tradicionais, entre alma e corpo (Ibid). A heterogeneidade da *res cogitans* em relação à *res extensa* significa antes de mais nada que “a alma não deve ser concebida em relação com a vida, como se houvesse vários tipos de vida, como afirmou Aristóteles, da vegetativa à sensitiva e daí a racional. A alma é pensamento e não vida” (Ibid, 2005B, p. 302).

Daí a mudança de paradigma, o homem como ser pensante que se relaciona com o mundo. A separação entre sujeito e objeto do conhecimento tornou-se fundamental para toda filosofia moderna. O homem só é, com sua razão. “O guia do homem, porém, não são as emoções ou os sentimentos em geral, mas sim a razão, a única que pode avaliar e, portanto, induzir a acolher ou rejeitar certas emoções” (Ibid, p. 303).

2.3 O PENSAMENTO PÓS-CARTESIANO

Vários foram os filósofos que desenvolveram o pensamento de Renè Descartes, pai da Filosofia Moderna, no que se diz respeito ao homem, Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke, David Hume, George Berkeley, entre outros.

Entrementes, cumpre perseguir a evolução do questionamento acerca do homem no pensamento moderno.

No início da época moderna, Descartes deparou-se com as tremendas convulsões que sacudiram o edifício do saber adquirido até então. Toda essa reviravolta levou Descartes a propor, como ponto de partida, que a forma mais segura de se iniciar uma meditação seria duvidando metodicamente de tudo que era tido antes como certeza (RODRIGUES, 2014). Nas circunstâncias, era inexorável que a dúvida ocorresse. Mas a consequência da dúvida foi a que a partir daí, não foi mais possível aceitar-se ingenuamente a postulação de que o homem fosse capaz de conhecer a realidade tal como ela se apresentava.

Descartes chega, assim, à conclusão de que o homem só tem acesso, com absoluta garantia, ao seu próprio pensamento. E isso foi o início de todo o pensamento moderno. É o início de todo o idealismo do pensamento moderno. Tal como Platão, Descartes propõe que haja duas esferas do real, a substância material, da qual só se pode saber com certeza o que for mensurável, e a substância espiritual da qual só se conhece o pensamento.

Na esfera do conhecimento do mundo material inicia-se a matematização da física, o que resultou no tremendo impulso adquirido pela física moderna, assim como por todas as ciências que, ao se matematizarem, deixaram de lado a consideração das qualidades específicas dos entes (Ibid). Quanto ao homem, ele pertence à esfera da substância material pelo corpo e à da substância espiritual pela alma. No pensamento moderno, o que se pode saber sobre o homem fica inapelavelmente cindido entre estas duas esferas e o próprio homem, a partir de então, passa a ser compreendido como um ser dividido nele mesmo (Ibid).

Os ingleses, descontentes com a solução do racionalismo cartesiano, irão buscar nos sentidos, nas sensações, na experiência sensível, o critério de validade para o conhecimento. Mas abrem inapelavelmente o caminho para certezas apenas probabilísticas, abrem o caminho para o relativismo, pois pela experiência sensível somente se alcança um conhecimento provável e relativo (REALE; ANTISERI, 2005B).

Kant, tentará integrar os dois campos, o campo do racionalismo, das certezas matemáticas e dos primeiros princípios e o dos conhecimentos adquiridos pela experiência sensível (REALE;ANTISERI, 2005B). Irá, conseqüentemente analisar os processos pelos quais a própria mente funciona, e, sobretudo buscará entender como fora possível constituir-se a ciência moderna, um corpo de conhecimentos certos (RODRIGUES, 2014).

Na *Crítica da Razão Pura* (1781), Kant analisa os processos pelos quais a mente humana reveste os dados que lhe são apresentados pelos sentidos, dados estes já previamente revestidos das formas de espaço e tempo. Alerta cautelosamente para o fato de que não há como saber de que maneira funciona qualquer outro tipo de inteligência que não seja semelhante à do homem (REALE;ANTISERI, 2005C, p. 361).

As categorias do entendimento humano, tais como, causa, efeito, relação, etc., são formas pelas quais a mente organiza os dados que, do contrário, nos afetariam de forma caótica. De sorte que a mente humana projeta, de acordo com a sua própria estrutura, um mundo já previamente revestido das categorias e das “ideias da razão”, sobre aquilo, então, pensa que é o mundo real, mas que, na verdade, é aquele que Kant chama de mundo fenomênico. Este é o mundo captado pela inteligência humana de acordo com o esquema de funcionamento da própria inteligência humana.

De acordo com Kant, a ciência é um conhecimento certo — posto que seus dados são submetidos à experimentação, isto é, aos experimentos elaborados pelos cientistas conforme a estrutura dos fenômenos. Os experimentos dos cientistas são construídos para interpelar o mundo dos fenômenos. São formas de perguntas postas a este mundo de forma a que as respostas sejam respondidas na mesma linguagem dele (Ibid, 2005C). Ou, dizendo de outra maneira, os experimentos dos cientistas são construídos para testar hipóteses e confirmar teorias que são válidas para o mundo dos fenômenos. Uma resposta válida nunca é dada fora do contexto da pergunta. Daí advém que as certezas do conhecimento científico nada dizem, nem podem dizer coisa alguma a respeito das coisas em si mesmas. Isto é o que Kant analisa na *Crítica da Razão Pura* (1781).

Já na *Crítica da Razão Prática* (1788), Kant analisa como deve ser o comportamento humano do ponto de uma ética da razão, uma ética inteiramente racional. E chega à uma ética do dever, do imperativo categórico. Trata-se do cume a que pode se alçar uma ética puramente racional (Ibid). Propõe a máxima de que o homem deve agir sempre de maneira tal que o princípio de sua ação possa se transformar em uma norma

universal: “Age sempre de maneira tal que o princípio de tua ação possa se transformar numa lei universal” (REALE;ANTISERI, 2005C, p. 379).

Mas antes de entrar na discussão acerca da ética, Kant escreveu a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1797), onde argumenta que, para que o homem possa ter um comportamento moral pressupõe-se que o homem seja livre, seja capaz de se contrapor aos determinismos que regem o mundo dos fenômenos. E isto só poderá fazer se for livre de fato. Se o homem percebe que ele pode influir no mundo dos fenômenos, a partir do seu próprio corpo e impedir ou até controlar, os determinismos que ali reinam, ele se percebe livre (Ibid, 2005C).

Pela liberdade o homem pertence ao reino dos fins, fins que ele mesmo se propõe. Sendo ele o único existente que, pertencendo embora ao mundo dos fenômenos pelo seu corpo, pela sua materialidade, consegue se contrapor – até certo ponto - às leis dos fenômenos, ele se reconhece um ser dotado de liberdade. Trata-se de uma liberdade limitada, mas ainda assim o homem pertence ao mundo das coisas em si.

Tão grande é a dignidade do homem enquanto pertencente ao reinos dos fins, ao mundo das coisas em si, que sua única obrigação é a de realizar-se enquanto liberdade. E isto ele o faz obedecendo à lei do dever moral, ditada pela razão para preservação da sua liberdade. E não seguindo a lei do dever moral, o homem torna-se escravo de suas paixões, isto é, torna-se inteiramente subordinado às leis dos fenômenos (Ibid).

Enquanto pertencente ao mundo dos fenômenos, o homem pode ser estudado, posto que as leis que o regem enquanto fenômeno podem ser conhecidas, tanto pelas ciências naturais quanto pelas ciências histórico-culturais. Mas na sua dignidade radical, enquanto dotado de liberdade, nenhuma ciência pode conhecer ou formular uma lei para o comportamento do homem. Somente a moral e o direito podem legislar para o homem, pois quem legisla é ele próprio, em função dos valores por ele reconhecidos, expressos pelo reconhecimento do que deve ser. As leis dos fenômenos constataam o que é, na realidade fenomênica. As leis da moral e do direito referem-se ao que deve ser (Ibid, 2005C, p. 385).

Como uma das múltiplas consequências do pensamento de Kant, aflorou a temática da cultura e a dos valores. A cultura é tudo o que o homem cria e sobrepõe ao mundo dos fenômenos, motivado em suas ações e criações por algo que ele reconhece como valor. O dever ainda não é; o homem reconhece que algo deve ser, e deve ser porque vale, porque vale por si mesmo. Por isso deve ser realizado. Desta forma o valor não é algo de substantivo, de concreto, é algo que existe na medida em que o homem o

reconhece como algo que vale, como valendo e não como existindo (REALE;ANTISERI, 2005C, p. 386).

Valendo, o valor motiva as ações humanas. Agindo motivado por valores por ele reconhecidos como tal, o homem cria, e o resultado de suas ações são as diversas culturas por ele criadas. Neste sentido, a cultura se contrapõe à natureza, ou melhor, a cultura se interpõe entre o homem e o mundo dos fenômenos naturais (RODRIGUES, 2014).

2.4 SÍNTESE WOJTYLIANA

No início do século XX, as diferentes correntes cruzadas do pensamento filosófico defrontam-se em um cenário onde predominam os idealismos e as correntes cientificistas, o marxismo entre elas.

Edmund Husserl, na primeira metade do século, propõe um novo método para se “voltar às coisas mesmas”, a fenomenologia (REALE;ANTISERI, 2006A, p. 176). Trata-se de uma nova forma de buscar-se o reconhecimento do que sejam os dados da consciência através da análise introspectiva e descritiva de como ocorre dentro de nós o fluxo mesmo da consciência, reconhecendo-se que a consciência sem o dado que a preenche é vazia e o dado sem a consciência não tem qualquer sentido.

Em outras palavras, se Kant havia interditado o acesso às coisas mesmas, só resta o caminho da consciência. Mas, o que mais importa será analisar como as coisas são constituídas como objetos na própria consciência, isto é, importa verificar a experiência pura do fenômeno na consciência, sem deturpações nem pré-conceitos.

Inspirado em Descartes, Husserl permanece, entretanto, dentro do idealismo, pois suas análises da subjetividade o levam, em última instância, a considerar que toda a realidade é constituída na consciência e pela consciência (Ibid, 2006A). Como alternativa ao criticismo kantiano, a fecundidade da proposta de Husserl foi tal que inspirou um enorme número de filósofos, seguindo cada um o próprio caminho, ao abrirem novos horizontes para o filosofar.

Os existencialistas, por exemplo, cada um a seu modo, irão afirmar que o homem, sendo livre, não pode ter uma essência pré-fixada, tal como um outro ente qualquer que não tenha consciência de si. Tendo consciência, e sendo livre, ninguém poderá saber antecipadamente como tal homem será, ou o que será. A essência de cada homem só estará realizada na hora de sua morte, pois suas escolhas livres é que irão formá-lo. Sua existência, como disse Sartre, precede sua essência (Ibid, 2006A, p. 205).

As filosofias da cultura e a dos valores foram constituídas por inúmeros filósofos muitos continuando na senda de Kant, outros seguindo pelo caminho aberto por Husserl. Entre estes últimos encontra-se o filósofo Max Scheler, autor de várias obras sobre ética e filosofia dos valores.

As ciências humanas vieram a ser o campo no qual o método fenomenológico revelou-se extremamente promissor. Isto porque, nas ciências do homem, a articulação da experiência pura imediata da consciência contribuiu substancialmente para o desenvolvimento da necessária hermenêutica, isto é, da ciência da interpretação dos fatos, distinta do paradigma das ciências naturais que são *objetivadoras ou objetivantes* (RODRIGUES, 2014).

Assim, o método fenomenológico veio a ser de primordial importância nos estudos da antropologia filosófica, posto que aí se revela a natureza do homem como sendo radicalmente distinta das demais formas de ser.

É neste contexto que o filósofo Karol Wojtyła elabora sua antropologia filosófica, considerando o homem como a Pessoa que age, ou melhor, considerando o homem como Pessoa Atuante. Sua antropologia é um personalismo que utiliza o método fenomenológico para analisar a subjetividade através da experiência vivida (SILVA, 2005, p. 25).

A experiência vivida deve anteceder qualquer análise do que o homem é, de como age, ou de como as coisas agem sobre ele. A experiência vivida constitui-se na premissa irreduzível do autoconhecimento do homem acerca de si mesmo, isto é, constitui-se na premissa irreduzível da subjetividade humana e da personalidade humana a qual não pode, sob nenhum pretexto, ser reduzida a um objeto de observação, como se fosse um objeto do mundo natural (WOJTYLA apud SILVA, 2005, p. 24).

Wojtyła considera que há uma compreensão do homem de sentido cosmológico, pela qual o homem é visto primariamente como objeto, e outra, uma compreensão antropológica, pela qual o homem é eminentemente sujeito. A primeira compreensão entende o homem como objeto pertencente ao mundo circundante, e a segunda, que ele privilegia, percebe o homem como uma subjetividade que não pode ser reduzida ao mundo.

Wojtyła busca conciliar as duas perspectivas. Mas nem por isso deixa de criticar a concepção tradicional, aristotélica, de homem como “animal racional”, pois que, ao definir o homem pelo gênero e pela diferença específica e, por conseguinte, entendendo-

o como uma espécie, Aristóteles teria reduzido o ser do homem a um ente do mundo. Neste caso, o homem seria tão objetivável quanto outro ente qualquer (SILVA, 2005).

Mas, muito ao contrário, o personalismo de Wojtyła afirma a irreducibilidade primordial do ser humano a qualquer forma de pertença ao mundo. Esta irreducibilidade significa que o homem, em sua essência não pode ser *conhecido*; o que nele é essencial só pode ser *manifestado e revelado* através da experiência (Ibid).

Tal como Sócrates, com seu famoso conselho '*conhece-te a ti mesmo*', Karol Wojtyła considera que o homem deve permanentemente esforçar-se por descobrir seu próprio mistério e por realizar novas e mais amadurecidas expressões do seu modo de ser. Estas expressões se percebem na vida do indivíduo dentro da comunidade e da pessoa no processo de realização de sua atividade (SILVA, 2005).

Para Wojtyła, pelo método fenomenológico se alcança a melhor forma de conhecimento do homem como tal. Entretanto, este conhecimento não se deve limitar apenas à descrição da experiência, mas deve avançar no sentido de compreender a estrutura fundamental dos conteúdos dessa experiência (WOJTYLA apud SILVA, 2005, p. 24).

Ao tentar conciliar as duas formas de compreensão do homem, a cosmológica e a personalista, o filósofo dirá que a última irá complementar a primeira, posto que a subjetividade da pessoa também é algo objetivo. Isto porque é objeto da experiência. O homem, enquanto sujeito, determina externamente o objeto de sua ação. Mas, apesar de ser ele quem determina o objeto de sua ação, esta se volta para ele e o determina a ele, como objeto desta mesma ação. O homem, determinado pela ação que ele mesmo realiza, reconhece-se como o autor desta ação, e esta ao determiná-lo, ao deixar nele a sua marca, caracteriza-o, formando sua personalidade. Desta forma, o homem é sujeito e objeto de suas ações (Ibid, 2005, p. 28).

Portanto, a concepção de Wojtyła do que seja o homem pode ser descrita como uma fenomenologia da consciência da pessoa atuante (SEIFERT, 1985).

Ao afirmar que o homem é sujeito e objeto de suas ações, ações que se realizam no mundo e que são reconhecidas como espelhadas pela consciência que se tem do mundo, Wojtyła escapa do idealismo e ao contrário, resgata, como era seu propósito, o realismo crítico. Se, para Husserl, os conteúdos da consciência, são constituídos na própria consciência, para Wojtyła, a consciência não constitui as ações do homem no mundo, nem constitui o mundo em que se realizam as ações, mas antes a experiência vivida reflete a consciência das ações colocadas no mundo (RODRIGUES, 2014).

3 O CONCEITO DE PESSOA

“O homem não é entendido somente como ente pensante, é mais ainda como pessoa que tem sentimento, coração, vontade, etc. A pessoa humana é a base de tudo” (MARITAIN, 1947).

“Costuma-se dar um nome compreensível à singularidade do ser humano: diz-se que o homem, ao contrário das outras coisas que o circundam, é uma *pessoa*. (MONDIN, 1980, p. 284, grifo do autor).

Como o capítulo precedente mostrou, “o problema da pessoa foi frequentemente debatido na história da Filosofia, mas nunca como hoje esteve ao centro das atenções dos estudiosos” (Ibid., p. 284).

O conceito de pessoa não pode se confundir com o de indivíduo. Este é comum a todos os entes materiais. A matéria é o que individualiza cada ente. Uma mesa difere da outra que lhe é idêntica, pela madeira específica utilizada na sua confecção. Dois irmãos gêmeos serão diferenciados a princípio, apenas porque possuem dois corpos que embora sendo iguais, são constituídos de matéria diversa. O indivíduo, enquanto indivíduo, busca atender suas necessidades de sobrevivência, busca tudo o que lhe for necessário para se manter vivo, busca alimento, abrigo, saúde, prazer e tudo o mais que atenda seus anseios de conforto material. Tanto os animais quanto as plantas fazem o mesmo para si e, no caso dos animais, para a prole. Trata-se mais ou menos do impulso a que Espinoza chamava de *conatus*, o empenho do ente de se manter na existência (REALE; ANTISERI, 2005C).

Já a pessoa é uma totalidade constituída de corpo material e alma espiritual. A pessoa tem todas as inclinações do corpo no sentido de se manter vivo, de buscar o máximo de bem estar físico para si e para os seus, e sob este aspecto é egoísta. Mas tem também, graças à alma espiritual, a inclinação para o outro, para o amor, para a dádiva de si mesma, e neste sentido a pessoa é capaz de ser, e tem vontade de ser, altruísta. A pessoa volta-se para o outro, para os outros, volta-se para a comunidade, para a sociedade, é capaz de assumir a responsabilidade por toda a humanidade.

3.1 A SUBSTÂNCIA INDIVIDUAL DE BOÉCIO

Pode-se ouvir falar que o conceito de pessoa é de origem cristã, por ter sido, o homem, criado a imagem e semelhança de Deus, o primeiro Bem – como afirma Boécio. Sim, isso não está errado! Está errado afirmar que foi “no cristianismo que o conceito de pessoa foi transmitido como um simples dado de fé” (MONDIN, 1980, p. 285). Na Patrística, bem como na Escolástica, o conceito de pessoa foi submetido a uma análise racional aprofundada e acabou por adquirir uma sólida veste filosófica. A ocasião de tal aprofundamento ocorreu principalmente a partir das disputas teológicas acerca dos grandes mistérios da Trindade e da Encarnação, a cuja solução contribuiu de forma decisiva a formulação exata do conceito de pessoa.

Contribuiu pelo fato de Agostinho querer encontrar um termo que se pudesse aplicar distintamente à Trindade, ou seja, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo sem correr, de uma parte o risco de fazer deles três deuses e, de outra parte, sem dissolver a sua individualidade (Ibid., p. 286). Para Agostinho, os termos “essência” e “substância” pertencem ao termo grego *ὑπόστασις* (hipóstase) e ao seu correlativo latino “*persona*” (pessoa), o qual “não significa uma espécie, mas algo de singular e de individual”⁴ (AGOSTINHO apud MONDIN, 1980, p. 286). Analogamente, este termo aplica-se também ao homem: “*Singulus quisque homo una persona est*”⁵ (Ibid).

Ao tratar sobre a pessoa em sua Metafísica, Boécio define natureza para poder falar de pessoa. Assim Boécio define, no *Contra Eutychen et Nestorium*, o termo *natura*:

*Natura igitur aut de solis corporibus dici potest aut de solis substantiis, id est corporeis atque incorporeis, aut de omnibus rebus quae quocumque modo esse dicuntur; [...] natura est earum rerum quae, cum sint, quoquo modo intellectu capi possunt; [...] natura est uel quod facere uel quod pati possit; [...] natura est motus principium secundum se, non per accidens; [...] natura est unamquamque rem informans specifica differentia*⁶ (BOÉCIO apud SAVIAN-FILHO, 2008, p. 218s).

⁴ AGOSTINHO, *De Trinitate*, VII, 6, 11.

⁵ AGOSTINHO, *De Trinitate*, XV, 7, 11.

⁶ CEN I [55]-[60]; [65]; [80]; [95]; [110]: “Natureza pode ser dita ou dos corpos apenas ou das substâncias apenas, isto é, dos corpóreos e dos incorpóreos, ou de todas as coisas que, de algum modo, se dizem ser; [...] natureza é própria daquelas coisas que, por serem, podem ser apreendidas de algum modo pelo intelecto; [...] natureza é o que pode fazer ou sofrer; [...] natureza é o princípio do movimento por si, não por acidente; [...] natureza é a diferença específica que informa cada coisa”.

Mas, no caso da pessoa, há a questão de qual será a sua definição apropriada. A dúvida seria:

*[...] si toda naturaleza tiene (posee) persona, se presenta la dificultad insoluble de cuál pueda ser la distinción entre naturaleza y persona; se, en cambio, no coinciden (en su extensión) persona y naturaleza, sino que la persona se da en un plano inferior al ámbito y extensión de la naturaleza, resulta difícil determinar a qué naturalezas llega (el carácter de) la persona, es decir, qué naturalezas habrán de tener persona y a cuáles no se ha de aplicar la denominación de persona: lo que sí es bien claro es que la persona se da dentro (del ámbito) de la naturaleza (subiectum esse naturae), y que no se puede hacer la atribución o predicación de persona fuera (del ámbito) de la naturaleza.*⁷ (FERNANDEZ, 1979, p. 555-556).

Esses são, portanto, os pontos a serem investigados, e o estudo realizado por Boécio. Como uma pessoa não pode dar-se fora da natureza, e da natureza, algumas são substâncias e outros acidentes e, por outro lado, vê-se que em acidentes não há pessoa, então deve-se dizer que a pessoa é dada em substâncias (FERNANDEZ, 1979, p. 556). Agora, quanto as substâncias, algumas são corpóreas; outras, incorpóreas; algumas são viventes, outras, não; e as viventes, algumas são sensíveis; outras, não. As sensíveis, algumas são racionais; outras, irracionais. As racionais, por fim, algumas são imutáveis e impassíveis por natureza, Deus; outra, mutável e passível, por sua condição de criada, a não ser que pela obra da graça seja transmutada ao firme estado de impassibilidade, como acontece no anjo e na alma racional (Ibid).

Com isso, fica claro que não há pessoa, nem nos corpos inanimados - ninguém diz que há alguém nas pedras, nem na vida insensível – não existe pessoa na árvore, nem, tampouco, em um ser que carece de entendimento e razão, não existe a pessoa boi ou a pessoa cavalo. Em vez disso, fala-se de uma pessoa no homem, em Deus, no anjo (Ibid).

A su vez, las sustancias unas son universales, otras son particulares. Universales son las que se predicán de cada una en particular, como “hombre”, “animal”, “piedra”, “madera”, y otras similares, que son géneros o especies: así, el hombre se predica de cada hombre, y el animal de cada animal, y la piedra o la madera, de cada piedra y de cada madera. Particulares son las que no se predicán de otros, como Cicerón, Platón, esta piedra de la cual se ha hecho esta estatua de Aquiles, la madera de la cual se ha hecho esta mesa. De todos estos

⁷ Tradução livre: “[...] se toda natureza tem (possui) uma pessoa, a dificuldade insolúvel de qual a distinção entre natureza e pessoa pode ser representada; se, por outro lado, a pessoa e a natureza não coincidem (em sua extensão), mas sim que a pessoa ocorre em um nível inferior ao escopo e extensão da natureza, é difícil determinar a que natureza a pessoa chega, digamos quais naturezas devem ter uma pessoa e às quais a denominação de pessoa não deve ser aplicada: o que está claro é que a pessoa está dentro do escopo da natureza (*subiectum esse naturae*), e que a atribuição não pode ser feita fora da natureza”.

*casos, nunca se predica la persona tratándose de universales, sino tan sólo en los singulares e individuos: no se da nunguma persona del animal o del hombre, sino que se llama persona a Cicerón, a Platón y a los demás individuos*⁸ (FERNANDEZ, 1979, p. 556-557).

Portanto, se a pessoa se dá apenas em substâncias, e estas, racionais, e toda substância é natureza, e não se dá em universais, e sim nos indivíduos, tem-se, então, uma definição. Uma memorável definição de pessoa e sem dúvidas a mais célebre de todas, pois esta é muito completa e precisa do ponto de vista ontológico. Severino Boécio afirma, depois de vários estudos, que “*persona est rationalis naturae individua substantia*”⁹ (BOÉCIO apud MONDIN, 1980, p. 286). Com essa definição delimita-se ou fixa-se o que os gregos chamavam ύποστασις, por que o nome “pessoa” era usado para designar aquelas “pessoas” nas comédias e tragédias, e também πρόσωπα, por que colocavam algo na frente dos rostos para manterem escondidos do público.

Mas este último designou com grande expressividade a subsistência individual da natureza racional com o nome de ύποστασις; hoje, por outro lado, por causa da pobreza de linguagem, reteve-se ou preservou-se pessoa, o que os gregos chamam de ύποστασις.

“A razão pela qual em grego não se fala de ύποστασις em animais irracionais e, em vez disso, aplica-se o nome de substância, porque esse nome foi reservado para os seres mais excelentes e nobres...” (FERNANDEZ, 1979, p. 559).

3.2 O GIRO METAFÍSICO DOS EXISTENCIALISTAS

Não diferente dos antigos, Platão e Aristóteles, dos medievais, Tomás de Aquino e Boécio, os modernos também trataram sobre a pessoa humana, sobre o homem. Os filósofos denominados “existencialistas”, entre eles, Sören Kierkegaard, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Gabriel Marcel, etc., valorizavam apenas o homem singular, preocupando-se com a sua existência e com as possibilidades que apresentam (não o ser, mas o poder ser). Nota-se com isso uma

⁸ Tradução livre: “Por sua vez, algumas substâncias são universais, outras são particulares. Universal são aqueles que são pregados de cada um em particular, como "homens", "animal", "pedra", "madeira" e outros semelhantes, que são gêneros ou espécies: assim, o homem é pregado por cada homem, e o animal de cada animal, e a pedra ou madeira, de cada pedra e de cada madeira. Os indivíduos são aqueles que não são pregados por outros, como Cícero, Platão, esta pedra da qual esta estátua de Aquiles foi feita. De todos esses casos, a pessoa nunca é pregada no caso dos universais, mas apenas no singular e nos indivíduos: nenhuma pessoa do animal ou do homem é dada, mas é chamada de Cícero, Platão e os outros indivíduos.

⁹ BOÉCIO, *Contra Eutychen et Nestorium*, c. 4.

renúncia à metafísica das essências, buscando algo absolutamente novo no que tange ao homem (MARTINS-FILHO, 1997).

O existencialismo, como o próprio nome já diz, tem foco na existência, isto é, na condição de existência humana (CELETI, 2019). Este pensamento defende, em primeiro lugar, que a existência vem antes da essência. Significa que não existe uma essência humana que determine o homem, mas que ele (o homem) constitui a sua essência na sua existência. Esta construção da essência se dá a partir das escolhas feitas, visto que o homem é livre. Nesta condição na qual o homem existe e sua vida é um projeto, ele terá de escolher o que quer ser e efetivar sua vontade agindo. (CELETI, 2019).

Martin Heidegger (1889-1976), expoente principal da filosofia da existência, vai tratar em sua carreira sobre o que é a metafísica, sobre o problema da metafísica (REALE;ANTISERI, 2006A), lançando, nesse entretanto, em 1927, o seu trabalho fundamental: *Ser e tempo*. O objetivo declarado de *Ser e tempo* é o de uma ontologia capaz de determinar adequadamente o *sentido do ser*. Mas, para alcançar esse objetivo, é preciso analisar quem é que se propõe a perguntar sobre o sentido do ser. Enquanto *Ser e tempo* se resume em uma analítica existencial sobre aquele ente (o homem), os escritos de 1930 em diante abandonam a proposição originária: “não se trata mais de analisar aquele ente que procura caminhos de acesso ao ser, mas sim o próprio ser e sua auto-revelação” (REALE;ANTISERI, 2006A, p. 203).

Com isso, Heidegger faz uma crítica radical à metafísica clássica (desde Aristóteles até Hegel), dizendo que Parmênides descobriu o ser, mas já Platão o teria ocultado, por buscar o sentido do ser nos entes. Todos os filósofos anteriores a Heidegger não teriam compreendido o ser, por identificá-lo com a objetividade (MARTINS-FILHO, 1997, p. 300).

Buscando esse sentido do ser, Heidegger perguntava-se pelo ente que o corporificaria exemplarmente: “Por que existe o ser e não o nada?”. Então o encontra no homem, por ser o único ente que tem consciência do ser, “o homem é o ‘pastor do ser’, que guarda e escuta o ser” (Ibid). Precisamente, o homem e só ele tem tal modo de ser (os outros seres recebem todo o seu ser da natureza determinadamente). Propriamente falando, só o homem existe, é existência; as outras coisas somente são, são seres.

Aqui tem-se o conceito de liberdade, isto é, dentro dos limites poderão ser exercícios as opções livres da liberdade, por meio das quais cada homem cria o ser que lhe é próprio, a própria essência, a própria personalidade, para ser intensamente si mesmo, deve, o homem, conscientemente e por decisão própria, absolutamente livre e

independente, escolher um destino, aceitar e viver a própria situação o mais plenamente possível, e assim, ter uma existência autêntica. É assim que a existência precede a essência.

Aí está o “erro” dos existencialistas. Foi louvável o querer reagir contra o Idealismo e focalizar na pessoa humana concreta, porém, procurar o aperfeiçoamento da pessoa humana só no nível vital, existencial e alógico foi um erro. A pessoa humana deve ser valorizada integralmente. Não se pode haver existência sem essência: a essência precede, logicamente, a existência (eu devo ser primeiro homem para ser tal homem). É aí que Karol Wojtyła evidencia a sua filosofia: “Ele se interessa pelo ser humano em sua integridade, o que significa que Wojtyła procura, em sua maneira de compreender a criatura humana, integrar todos os elementos que compõem este ser complexo que é o homem” (SILVA, 2005, p. 19).

3.3 WOJTYLA E A PESSOA HUMANA

Wojtyła reúne todas as características para ser considerado um representante “típico” do personalismo, não apenas porque seu pensamento se enquadra plenamente dentro dessa corrente, como porque sua vida reúne essa mescla de ação e reflexão, própria de muitos de seus representantes (BURGOS, 2018, p. 125).

As circunstâncias nunca me deixaram muito tempo para o estudo. Por temperamento, prefiro o pensamento à erudição, ao que me dei conta durante minha curta carreira de professor em Cracóvia e Lublin. **Meu conceito de pessoa, ‘única’ em sua identidade, e do homem, como tal, centro do Universo, nasceu da experiência e da comunicação com os outros**, em maior medida que da leitura. Os livros, o estudo, a reflexão... ajudaram-me a formular o que a experiência me ensina (WOJTYLA apud FROSSARD, 1982, p. 16, grifo nosso).

Como bem visto, o conceito de “homem como pessoa” nasce somente no âmbito do pensamento cristão; é desconhecido no antigo pensamento grego e, na época moderna, é substituído pelo conceito de “indivíduo”. Para Wojtyła, o ser humano não pode ser reduzido a um “indivíduo da espécie”. Há nele “algo mais”, a saber, “uma plenitude e uma perfeição de ser” que se expressam com o termo “pessoa”. Esta pessoa, reflexo divino da Santa Trindade, que é a “interação absoluta entre três Pessoas”, expressa-se na interação entre o “eu” e o “tu” e leva à “solidariedade, à “comunhão” e ao “amor-doação”.

Quem ama procura o “bem do outro”. E o amor perfeito chega ao máximo quando, juntamente com a outra pessoa, se procura o Bem supremo, Deus (SILVA, 2005, p. 16).

3.3.1 A Dignidade da Pessoa Humana

É fundamental, consoante, o pensamento wojtyliano, que reconhece a pessoa como valor e os valores da pessoa e a hierarquia deles (SILVA, 2001, p. 229-231). A referência a escritos pontifícios demonstra que o pensamento filosófico personalista de Karol Wojtyła constitui um princípio hermenêutico para a composição dos referidos documentos.

Max Scheler se engana ao reduzir a pessoa a atos. Ela é um ser substancial e seu valor antecede ao valor de seus atos. “O ser, portanto, é anterior à ação e, portanto, a pessoa, e seu valor é anterior e mais fundamental que o valor da ação” (SILVA, 2005, p. 310).

A afirmação da natureza e do valor transcendente da pessoa humana, e precisamente por assim ser compreendida como fim da ação e do amor, norma da relação interpessoal por excelência, constitui a base da concepção ética de Karol Wojtyła. Encontram-se, entretanto, nos tempo hodiernos fatores que dificultam e que são causas de um verdadeiro retrocesso da consciência e iniciativas referentes à defesa e a promoção da dignidade da pessoa humana (SILVA, 2005).

Quanto ao retrocesso da consciência, a afirmação teórica da dignidade da pessoa humana e seus verdadeiros direitos é, em si, algo bom, defensável e necessário. Observa-se, infelizmente, o paradoxo entre o discurso e a efetivação prática das diversas declarações e, mais grave, um verdadeiro retrocesso ao devido respeito para com a pessoa humana e a seus direitos (Ibid).

A antropologia, implícita e pressuposta, que norteia a política, o direito e a ética na denominada civilização contemporânea, é um dos elementos que, ao mesmo tempo, alicerça e explica o paradoxo das declarações sobre os direitos humanos. O individualismo¹⁰ e as ciências humanas contribuíram, de forma alarmante, para uma concepção fragmentada do homem. O reducionismo¹¹ de diversas matizes demonstra, da mesma forma, o quanto o homem se distanciou da realidade de si mesmo. E a

¹⁰ Toda doutrina moral ou política que atribua ao indivíduo humano um poder/domínio do fim em relação às comunidades de que faz parte.

¹¹ Reduz o conceito de pessoa em outro equipolente ou mais simples.

consequência desse discurso conflita com a prática gera uma antropologia equívoca, errônea (Ibid).

As obras da criatura humana se opõem paradoxalmente a sua sobrevivência, à dignidade e ao valor da pessoa como valor (JOÃO PAULO II, 2004, p. 15-16). Karol Wojtyla expressa-se em seus escritos que a consciência do valor da vida humana está ofuscada.

[...] discretas, mas explícitas referências as monstruosas aberrações dos tempos modernos, como campos de concentração, prisões e torturas. Falando como papa, constata que nos encontramos numa situação de profunda crise; é a crise do próprio homem; a crise de sua consciência humana; a crise da cultura (SÁ EARP, 1985, p. 135).

As declarações sobre os direitos humanos e as regras que elas inspiram manifestam, ao mesmo tempo, uma sensibilidade moral quanto ao valor e à dignidade de cada ser humano, chegando-se, entretanto,

[...] a uma viragem de trágicas consequências, a um longo processo histórico, no qual, depois de ter descoberto o conceito de “direitos humanos” – como direitos inerentes a cada pessoa e anterior a qualquer Constituição e legislação dos Estados -, incorre hoje numa *estranha contradição*: precisamente numa época em que se proclamam solenemente os direitos invioláveis da pessoa e se afirma publicamente o valor da vida, o próprio direito à vida é praticamente negado e espezinhado, particularmente nos momentos emblemáticos da existência, como são o nascer e o morrer (JOÃO PAULO II, 2009, p. 18, grifo do autor).

O pensamento da última modernidade, rompido com o ser, escorrega para o *não-ser*, cuja gestação é a crise de sentido contemporânea que se mostra na cultura da morte, da violência contra a pessoa, expondo o paradoxo das muitas declarações dos direitos humanos e dos movimentos a favor da *vida*. A pessoa humana, enquanto objeto do demiurgo moderno, não se sujeita à medida e à fabricação. O conceito de ser humano como *pessoa* é, entretanto, desconstruído e se originam, como substitutas, as noções de *sujeito*, de *indivíduo*, fechado em si, enquanto o *outro* é, no máximo, tolerado como oportuno instrumento de uso, de gozo, dos interesses individuais e coletivos (SILVA, 2005, p. 120).

Kant, uma das maiores expressões da mudança de paradigma da *representação*¹², rejeita a filosofia do ser, com a *revolução copernicana*, e cria condições para a afirmação da filosofia da consciência. Ele inspira-se, pelo menos, em três fontes para afirmar a dignidade do ser humano. São elas o pensamento estóico, Santo Tomás de Aquino e Rousseau (SILVA, 2005, p. 125). O estoicismo declara a dignidade humana, não um dado, mas um ideal, afirma-se na possibilidade de o homem usar sua razão nos juízos e procedimentos sujeitos a ele. Santo Tomás exprime a concepção cristã do amor de Deus a todos os seres humanos, imagem e semelhança do Criador, independentemente de suas convicções. O homem deve, por consequência, amor e respeito a todos os seus semelhantes por que e enquanto pessoas. O pensamento kantiano sobre

[...] a dignidade humana se inscreve nessa tradição cristã, que atribui a cada ser humano um valor primordial, independentemente de seu mérito individual e de sua posição social; mas Kant tenta fundamentar essa ideia de uma maneira que não deve nada às pressuposições teológicas. Ele afirma que a fé religiosa se deve fundamentar no conhecimento moral e não ao contrário (CANTO-SPERBER, 2003, p. 440).

Karol Wojtyła interessado com a filosofia kantiana no que diz respeito à dignidade humana, demonstra seu intento de convergir a filosofia do ser com a filosofia da consciência, declara que essa,

[...] particularmente na versão fenomenológica, certamente enriqueceu nosso conhecimento dos fenômenos empíricos da espiritualidade humana, mas não se decidiu dar o passo metafísico dos sintomas aos fundamentos, isto é, na linguagem de Tomás de Aquino, dos efeitos à causa (JOÃO PAULO II, 2004, p. 49).

A compreensão do homem, como ser pessoal, é condição e um dos fundamentos para afirmação do valor e da dignidade da criatura humana.

Karol Wojtyła defende a ideia tomista de *participação*, de herança platônica-agostiniana, visto que “Deus, ser plenamente autossuficiente (*Ens subsistens*), era considerado o suporte indispensável para todo o *ens non subsistens, ens participatum*,

¹² Entendia-se por *representação* um meio pelo qual o ato de quem conhece identifica-se com o ato do objeto conhecido, captado em sua realidade extramental. A partir da nova concepção, constituiu-se no *termo* do conhecimento e não mais o *meio* para se chegar intelectivamente ao objeto, à realidade extramental.

isto é, para todos os seres criados e, por conseguinte, também o homem” (PLATÃO apud Os Pensadores, 1987).

Santo Tomás, apoiado na noção de *participação*, demonstra o vínculo das criaturas com o Criador, com o Bem supremo e fonte de todos os bens. Demonstrando a relação entre o “ente accidental que possui o esse *per participationem* e o ser necessário, que é um ser autônomo (esse subsistens)” (JOÃO PAULO II, 2004, p. 19).

O valor e a dignidade da pessoa se manifesta mais claramente, à proporção que ela cresce em consciência de que é participação do Criador.

A pessoa, dada sua natureza participada, não pode ser instrumentalizada. Ela, por ser fim em si mesma e por sua intrínseca dignidade, não pode ser meio para algum fim sob pena de ser coisificada. A pessoa humana não se reduz a indivíduo da espécie (WOJTYLA, 2016). Ela possui uma interioridade, inexistente nos animais mais aperfeiçoados. O nome pessoa quer expressar uma perfeição ontológica própria do ser humano, sendo diminuído a objeto, se reduzido a um patamar ontológico inferior ao que lhe é específico, caracterizando-se, então, como coisa e instrumento.

4 O COMBATE AS IDEOLOGIAS APESSOAIS

“O homem só pode salvar-se no homem” (SANTOS, 2017, p. 11).

A pessoa humana está sendo, em tempos atuais, reduzida, ou até mesmo destruída! E isso é preocupante!

Com isso, a tentativa de Karol Wojtyła em combater essas ideologias apessoais é afirmar que a pessoa não pode ser tratada como meio para algum fim, sob pena de ser violentada, em todas e quaisquer circunstâncias de sua existência. A pessoa, por direito natural, deve ser o fim da ação, por que ela é, também, um sujeito capaz de pensar e de escolher os próprios fins. Sua estrutura ontológica lhe garante e exige ser tratada como fim.

Wojtyła, acolhendo parcialmente o personalismo moderno kantiano, na *Fundamentação da metafísica dos costumes*, expressa que a pessoa não deve ser para os outros só um meio. Ele é categórico quando afirma que “ninguém pode servir-se de uma pessoa como um meio, nem sequer o Deus-Criador” (WOJTYLA, 2016, p. 26).

De fato, tal autêntica metafísica fenomenológica da pessoa e tal metafísica personalista do ser consciente como “ser no sentido mais exato” (τό οντος όν) deveria ser mais desenvolvida. Isto deveria corresponder a uma maior necessidade filosófica e que é não apenas infinita mas oportuna (SEIFERT, 1985). Pois é impossível

[...] superar a filosofia idealista e subjetivista de nossos tempos, sem apresentar plenamente o significado antropológico e metafísico da pessoa humana. Além disso, assim não procedendo, deixa-se indisputavelmente valiosas introspecções àqueles que defendem uma filosofia fundamentalmente errônea (SEIFERT, 1985, p. 71).

A não compreensão da filosofia da pessoa se dá em filosofias errôneas, ideologias, etc.

Mário Ferreira dos Santos nota uma necessidade de denunciar esse aviltamento¹³ da cultura e dos valores, e também demonstrar a improcedência das tentativas de dissolver o que havia de mais elevado no pensamento humano. E afirma:

[...] devemos fazer um diagnóstico. A terapêutica vem depois, nos diálogos, nos quais examinamos **a falta de base** das afirmativas nihilistas, da filosofia da negatividade, a filosofia do *não*, em luta com a filosofia positiva, a filosofia da afirmação, a filosofia do *Sim*. A ação destrutiva das doutrinas negativistas já provocou muitas lágrimas e

¹³ Depreciação; diminuição do valor de algo ou de alguém.

derramou muito sangue. Estamos vivendo em pleno niilismo, e este está alcançando as suas fronteiras. E é um dever dos que se colocam do lado da afirmação e da positividade trabalhar, afanar-se, esforçar-se para combater a sanha da decadência, cujos vícios estimularam inúmeros males à humanidade e ainda prometem outros maiores (SANTOS, 2017, p. 09-10, grifo nosso).

O homem hodierno parece hesitar e temer frente aos problemas que ele mesmo gerou. Karol Wojtyła vem afirmar que “a filosofia da pessoa se encontra impulsionada pelos grandes problemas que o desenvolvimento, em seus aspectos quantitativos e o progresso cultural trouxeram para a vida do homem atual” (SILVA, 2005, p. 19).

4.1 O COMUNISMO E A NEGAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE

Não há como negar que vive-se em tempos de guerra, mas não guerras armadas, mas sim guerras silenciosas. O que se procura em meio a certas ideologias ilusórias nos tempos hodiernos é a liberdade, é o ser livre, mas é evidente que essa é uma liberdade carcerária, é uma liberdade que prende.

E é uma época de endeusamento do coletivo. Para muitos espíritos, com efeito, o coletivo é o divino e, para obtê-lo, basta eliminar o individual, isto é, a singularidade da pessoa humana (VILELA, 1968, p. 11).

Várias são, como se sabe, as fontes modernas dessa nova divindade. Entre as principais, citam-se Ludwig Feuerbach, Augusto Comte e Karl Marx. Estes, como escreveu Emile Saisset, propõe à Europa cristã a adoração de um Deus novo – o gênero humano (SAISSET apud VILELA, 1968, p. 11). Deus novo: deus feito de homens, isto é, de seus próprios adoradores.

Por outro lado, vive-se, concretamente, num mundo, por assim dizer, massificado. E a característica mais significativa do homem das massas é a despersonalização. “O homem das massas é despersonalizado” (FOLIET apud VILELA, 1968, p. 11). A massa, em sentido estrito, isto é, a massa uniforme, tende, por sua natureza, a criar individualismos e a absorver personalidades. Assim, explicitando o pensamento de Joseph Folliet, pode-se dizer que o homem das massas é uma individualidade despersonalizada (VILELA, 1968, p. 11).

Para entender o pensamento comunista é preciso entender que as raízes filosóficas do pensamento marxista encontra-se em Hegel (LUCAS, 2005). Para Hegel a única realidade é o Espírito Absoluto, que se realiza na história. A pessoa concreta, ou o

indivíduo, é algo irreal, cuja existência tem somente a função de realizar os projetos do Absoluto (LUCAS, 2005).

Karl Marx dá a volta por este idealismo, substituindo o Espírito pela Matéria, e especifica a essência do homem como práxis (Ibid, p. 160). Se a matéria for o princípio absoluto, a essência do homem é a transformação da matéria por meio do trabalho. O homem é aquilo que faz, ou melhor, aquilo que com o trabalho faz. A essência do homem é sua capacidade real de transformar o mundo (MARX apud LUCAS, 2005, p. 160). De acordo com Karl Marx só assim a sociedade será vencedora, só assim ela poderá ser transformada.

Segundo Marx,

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, **sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade**, ou com o declínio comum das classes em luta (MARX;ENGELS, 2014, p. 40, grifo nosso).

Percebe-se que o que Marx queria contestar com o seu Manifesto acabou ele sendo o opressor. Aquele que trouxe, com sua doutrina libertadora, uma grande revolução escrava para a sociedade, que trouxe a ideologia materialista e ateia, destruidora da pessoa humana.

A negação da individualidade se dá aí, onde o coletivo substitui o indivíduo. O marxismo professa “o otimismo do homem coletivo que implica o pessimismo radical da pessoa” (REALE;ANTISERI, 2006A, p. 405). E isso um personalista não poderia aceitar.

E foi isso que Karol Wojtyla fez. Ele que viveu e sofreu sob esse terrível regime na Polônia; cabendo a ele, por vontade de Deus, ser o principal artífice da queda do comunismo em sua terra depois de ter por mais de 70 anos escravizado muitas nações europeias e as ter confinado sob o chamado Muro de Berlim ou “Muro da Vergonha”. Milhões de pessoas foram vítimas deste terrível flagelo. E a ação do Papa João Paulo II foi fundamental para a queda do comunismo em diversos países, pois era o objetivo de seu pontificado “conquistar a liberdade civil e religiosa para as nações dominadas pelo comunismo ateu, sob o qual ele tanto sofreu” (AQUINO, 2014).

O próprio comunismo, com a tentativa de impor algo “bom” para o desenvolvimento e/ou a felicidade do homem, trouxe, ao contrário, ondas poderosas demais para essas relações, e passam a ser, por ele mesmo, travados; e assim que vencem

esse obstáculo desarranjam toda a sociedade, pondo em perigo a existência da própria espécie.

4.2 A IDEOLOGIA DE GÊNERO E A NEGAÇÃO DO SUPPOSITUM¹⁴

Pode-se pensar que, após tantas ideologias ao longo da história da humanidade, hoje, em pleno século XXI, o mundo as tenha superado. Porém, a história atual testemunha que, sob formas diferentes, uma nova ideologia está à frente da história do homem. A Ideologia de gênero afronta a fortaleza construída pelo mundo ocidental para proteger a família, o matrimônio, o direito à vida e se lhe apresenta como um grande desafio a ser enfrentado (SILVA, 2018). Como se vê, a ideologia de gênero procura, hoje, destruir àquilo de mais precioso que a sociedade têm, a pessoa humana.

Aqui não pretende-se fazer uma busca da história desta ideologia, mostrando os seus pontos positivos e/ou negativos, mas, mostrar o mal que a mesma faz para a pessoa humana.

Maurizio Pietro Faggioni, num artigo denominado: *L'ideologia del "Gender". Sfida all'antropologia e all'etica Cristiana*, dá uma descrição (quase definição) para a ideologia de gênero que “consiste, na substância, na negação da relevância antropológica das diferenças sexuais biologicamente definidas, em respeito às determinações culturais da sexualidade” (FAGGIONI apud SILVA, 2018, p. 30).

A revolução sexual quer superar o sistema normativo tradicional e promove a exaltação da liberdade do desejo, a emancipação sexual e social da mulher, a crítica às estruturas familiares, a separação entre exercícios da atividade genital e procriação, em suma, a negação de si mesmo.

É no âmbito mais específico da revolução sexual, como meio de ataque à cultura ocidental, que se localiza a ideologia de gênero.

A ideologia de gênero ou teoria de gênero é, por assim dizer, uma grande consequência dessa revolução, é um seu desenvolvimento até quase às suas últimas consequências, fazendo com que a sexualidade seja totalmente desvinculada do ser integral da pessoa (corpo, alma e espírito) e se torne um dado puramente subjetivo (SILVA, 2018, p. 37).

¹⁴ Entende-se por *Suppositum*, portador último de uma natureza que existe em si. Para ser *suppositum* deve ser primeira substância completa, coisas concretas em sua individualidade. Ex.: esta caneta, e não caneta!

Esta ideologia afirma, como os filósofos existencialistas, que a existência precede a essência, sendo assim não se nasce com uma natureza definida, mas se adquire esta com o passar do tempo. “Tal concepção não valoriza a corporeidade e salienta os aspectos subjetivo-psicológicos da sexualidade humana. O homem se constrói a partir dos elementos culturais que o circundam, não nasce determinado sexualmente.” (SILVA, 2018, p. 40).

Segundo esta ideologia, a liberdade para “construir o próprio *gênero* deve ser interpretada como sinônimo de uma autonomia absoluta. E esta, em dois sentidos simultâneos: 1º) cada um interpreta o que é ser homem e o que é ser mulher como queira, interpretação que o sujeito, além disso, poderá variar quantas vezes achar conveniente; e 2º) cada pessoa pode, escolher aqui e agora, se quer ser homem ou mulher – como o conteúdo subjetivo que ela mesmo tenha dado a esses termos – e mudar de decisão quantas vezes quiser (SCALA, 2015, p. 24).

Percebe-se que tem-se na ideologia de gênero uma exaltação absoluta da liberdade do indivíduo que pode desconsiderar sua natureza e ceder a qualquer inclinação e mudar tantas vezes quanto achar conveniente, negando, assim, o seu próprio ser, negando a própria natureza humana, como ensina Jorge Scala, em matéria sexual. “Não há, segundo tais ideólogos, um homem natural nem mulher natural. Masculinidade e feminilidade são meras construções sociais, que podem (ou devem) ser desconstruídas” (CRUZ apud SCALA, 2015, p.14).

Conclui-se, então, que a ideologia de gênero é uma negação da realidade objetiva do homem para uma supervalorização da liberdade de cada indivíduo, isto é, é uma negação da relevância antropológica, chegando, assim, a própria negação do ser pessoa humana, tornando-nos, assim, não mais portadores últimos de uma natureza existente em si, mas meros escravos da sexualidade.

A ideologia de gênero procura alavancar sua teoria, de um lado, através da destruição forçada de uma massa de forças produtivas (a família, o matrimônio, o direito à vida, etc.); de outro, através da conquista de novos mercados (a mídia, as escolas, as crianças, etc.). Esta procura penetrar, silenciosamente, através da cultura. Esta procura através de conscientizações manipuladoras preparar crises mais gerais e mais violentas, e a diminuição dos meios de evitá-la. As armas de que serviu tal ideologia para abater o antropologia tradicional, volta-se, agora, contra a própria ideologia de gênero. A ideologia de gênero trará seus ativistas, direta ou indiretamente, a morte!

Karol Wojtyła vai contra qualquer pensamento ou teoria que possa reduzir o homem a qualquer tipo de coisa que fira sua dignidade própria de pessoa humana. A esse respeito, no que tange apenas ao prazer, e que “chegar-se-ia fatalmente a uma forma de utilitarismo” (WOJTYLA, 2016, p. 61), Wojtyła exige que o

[...] homem, enquanto pessoa, **seja objetivo no seu modo de enfrentar os problemas sexuais e sobretudo no seu modo de agir**. É conveniente verificar que se trata de atingir esses fins tomando como fundamento a norma personalista. O homem e a mulher, enquanto pessoas, devem realizá-los conscientemente, e isto segundo a ordem definida antes, **porque é uma ordem objetiva, ao alcance da razão** e, por conseguinte, obrigatória para as pessoas (Ibid, grifo nosso).

Nota-se, que para Wojtyła é inadmissível a redução do homem ao simples libido sexual, principalmente no seu modo de agir. Essa, como citado, está ao alcance da razão, e ao ser militante e exercer tal pensamento ideológico, está se reduzindo aos animais irracionais, que usam do seu instinto sexual apenas para reprodução, e sem pudor algum.

4.3 A NOVA ERA E A NEGAÇÃO DA ESCALA DOS SERES

Há trinta anos vem-se formando uma onda cultural/filosófica/religiosa que pretende reagir contra o presente estado da humanidade e empurrar esta a uma nova consciência, para uma nova forma de ser espiritual. Esta onda é chamada de Nova Era (New Age). Muito se tem falado sobre o fenômeno Nova Era. Se assim o faz, “é porque esta matéria precisa ser conhecida de todos os fiéis, para que possam se defender de seus erros” (AQUINO, 2007, p. 07).

É um grande desafio nos dias atuais, em vista do fascínio que tem provocado nas pessoas. Sabemos que a Nova Era é uma síntese perigosa de muitas doutrinas, crenças, magias, esoterismo, etc., e tem encantado muitos. Suas repercussões são enormes no mundo da política, da moral, dos meios de comunicações, nas artes, na música, na dança, na medicina e em outros campos (Ibid).

As ideias e os objetivos da Nova Era recolhem elementos das religiões orientais, o espiritismo, as terapias alternativas, a psicologia transpessoal, a ecologia profunda, a astrologia, o gnosticismo e outras correntes. Os mistura e os comercializa de mil formas, proclamando o início de uma nova época para a humanidade. Mas, no fundo, não parece

ser mais que outra tentativa vã do homem de se salvar por si mesmo fazendo promessas que não pode cumprir e atribuindo-se poderes que não possui.

Seus líderes e pensadores costumam ser gente da "revolução contra cultural" dos anos 60 e 70 que rejeitou os valores e os caminhos religiosos tradicionais a favor da libertinagem, da cultura da droga, do amor livre e dos experimentos em comunidades utópicas.

O típico da Nova Era é o espírito de individualismo que permite a cada um formular sua própria verdade religiosa, filosófica e ética. Mas há algumas crenças comuns que quase todos os participantes da Nova Era compartilham¹⁵:

- a) o mundo está para entrar em um período de paz e de harmonia mundial assinalado pela astrologia como a "era de Aquário";
- b) A "era de Aquário" será fruto de uma nova consciência nos homens. Todas as terapias e técnicas da Nova Era pretendem criar esta consciência e acelerar a vinda da era de aquário;
- c) Por esta nova consciência o homem vai se dar conta de seus poderes sobrenaturais e saberá que não há nenhum Deus fora de si mesmo;
- d) Cada homem, portanto, cria a sua própria verdade. Não há bem e mal, toda experiência é um passo para a consciência plena de sua divindade;
- e) O universo é um ser único e vivo em evolução ao pleno conhecimento de si e o homem é a manifestação de sua autoconsciência;
- f) A natureza também é parte do único ser cósmico e, portanto, também participa de sua divindade. Tudo é "deus" e "deus" está em tudo;
- g) Todas as religiões são iguais e, no fundo, dizem o mesmo;
- h) Há "mestres" invisíveis que se comunicam com pessoas que já alcançaram a nova consciência e os instruem sobre os segredos do cosmos;
- i) Todos os homens vivem muitas vidas, vão se reencarnando uma e outra vez até alcançar a nova consciência e dissolver-se na força divina do cosmos;

Para a Nova Era, o sujeito ativo do conhecimento não é a consciência individual, mas a coletividade (CARVALHO, 2014, p.89). Para Fritjof Capra, doutrinário da Nova Era, essa coletividade é a "humanidade", ou, mais vagamente ainda, "nós" (Ibid).

Essa onda pretende uma "mudança de percepção", uma virada repentina que faça as pessoas sentirem as coisas de um modo diferente (Ibid, p. 90). A Nova Era parte de um

¹⁵ Referências tiradas do site: <<https://www.acidigital.com/seitas/novaera.htm>>.

“revolução cultural”, cujo pretende inaugurar um novo cenário mental na humanidade, no qual todas as visões e opiniões anteriores, como afirma Olavo de Carvalho, serão implicitamente invalidadas como meras expressões subjetivas de um tempo que passou. “Platão tinha as ideias do ‘seu tempo’; nós temos a do ‘nosso tempo’ – cada um na sua” (Ibid).

Com o senso da eternidade e da universalidade, vai se esgotando, também, o senso da verdade, isto é, a capacidade humana de distinguir o que é verdadeiro do que é falso passa a ser substituído por um sentimento coletivo de ‘adequação’ ao ‘nosso tempo’. “A ‘supraconsciência’ da Nova Era e o ‘intelecto coletivo’ de Gramsci têm em comum a mais absoluta falta de inteligência” (CARVALHO, 2014, p. 91).

A maior capacidade da mente humana é a sua habilidade de discriminar entre o que é verdadeiro e o que é falso, distinguir o que é real do que é ilusório ou aparente. Mas a ‘supraconsciência’ da Nova Era está programada para ignorar essas distinções (CHANDLER apud CARVALHO, 2014, p. 90).

Percebe-se que para tal doutrina o homem deve estar “fechado em uma redoma do momento histórico, o indivíduo é vedado de enxergar para além dele, de exercer dos privilégios de uma inteligência autônoma, de ter razão contra a opinião majoritária” (CARVALHO, 2014, p. 91).

A depreciação da consciência individual vem com a negação do critério da evidência intuitiva como base para julgar a verdade. Reduzida a seu aspecto psicológico, imanente, a intuição torna-se apenas uma experiência interna como qualquer outra, incapaz de evidência apodítica. Confunde-se com o sentimento, com o pressentimento, com a vaga impressão e com a fantasia (Ibid).

Diante de tudo isso, é preciso descobrir a verdade sobre o homem, pois eleva o ânimo e causa admiração (STORK, 2005). Contudo, essa descoberta não pode ser repentina, ela exige uma longa familiarização com o seu modo de ser e atuar. Parte-se, então, da premissa do homem como ser vivo; compreender as afinidades e diferenças que os seres humanos têm com os demais seres.

O que diferencia os seres vivos dos seres inertes é simplesmente a vida contida no homem. Essa afirmação pode explicar-se a partir de cinco características:

- a) Viver é, antes de tudo, mover-se a si próprio, automover-se;
- b) É unidade;
- c) É imanência;

- d) É autorrealização;
- e) É um ritmo cíclico e harmônico.

Pode-se falar de um ciclo da vida que permite entender a totalidade de viventes do universo, como uma certa unidade dotada de sentido. Exagerar isso, ou até remover a referência de uma Inteligência que transcenda a essa ordem, como faz a Nova Era, traz sérias consequências na hora de compreender qual o lugar do homem no universo (STORK, 2005, p. 20-21).

A diferenciação entre a pedra, a planta, o homem, e Deus, é notória quando descobre-se a verdade sobre o homem. Àquilo que emana de cada ser, é próprio de cada ser, é a diferença específica que faz com que aquele ser seja aquele ser e não outro.

A Nova Era vem para negar essa hierarquia, e já afirmava João Paulo II em seu pontificado: “as obras da criatura humana se opõem paradoxalmente a sua sobrevivência, à dignidade e ao valor da pessoa como valor (JOÃO PAULO II, 2004, p. 15-16).

O destino da pessoa humana é constituído por uma série de reencarnações da alma em diversos corpos. Aqui, não se faz referência a um ciclo de *sâmsara*, no sentido de purificação como punição, mas a uma ascensão gradual para o desenvolvimento perfeito das potencialidades próprias (AQUINO, 2007, p. 35).

É isso que a Nova Era diz sobre a pessoa humana, e uma das consequências da exaltação da pessoa humana, da humanidade implica na negação de um Deus transcendente (Ibid).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karol Wojtyła, crescido em ambiente plural religioso, de grande abertura intelectual para a verdade, não importando quem a tenha dito, sensível aos problemas de seu tempo, soube reunir o clássico com o moderno e propor uma compreensão da pessoa humana mais global. O homem de um período histórico tentou e tenta responder aos problemas do presente e aqueles deixados por seus antepassados, de modo a progredir no conhecimento de um objeto de estudo.

E no que tange à concepção do homem, uma profunda e radical diferença separa o mundo cristão do mundo pagão. Lá onde o homem era apenas uma participação accidental e imperfeita do Homem ideia ou apenas um membro da espécie humana, passa a ter sua dignidade imanente em seu ser.

E apesar dos tempos hodiernos, cujo há uma deturpação da pessoa humana em grande escala, há, também, pensadores que buscam, filosoficamente, a dignidade de cada pessoa humana. Karol Wojtyła, em sua investigação, demonstrou o escopo de ir às coisas mesmas e não teorizar sobre outras teorias. Ele possui uma concepção gnosiológica realista, no sentido de afirmar que o ser humano é capacitado para conhecer as coisas em si e não apenas fenômenos das coisas.

Como se viu, o individualismo e os reducionismos de várias matizes demonstram o quanto o homem se distanciou da realidade de si mesmo. E a consequência disso tudo é um equívoco antropológico.

O Personalismo de Karol Wojtyła veio para mostrar a dignidade integral de cada pessoa humana, pois só assim dar-se-á, então, valor a si mesmo, ao outro e à vida.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Felipe. *O papa João Paulo II e a queda do comunismo*. 2014. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/especiais/canonizacao-joao-paulo-ii-e-joaoxxiii/o-papa-joao-paulo-ii-e-a-queda-do-comunismo/>>. Acessado em: 23 ago. 2019 às 10h23.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de (org). *A Nova Era – Jesus Cristo, portador da água viva* –Documento do Vaticano. 5. ed. Lorena: Editora Cléofas, 2007.

ARISTÓTELES. *Metafísica*, in: *Os pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1984.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BURGOS, Juan Manuel. *Introdução ao personalismo*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

CANTO-SPERBER, Monique. *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2 vol., 2003. Verbete *Dignidade*.

CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. 4. ed. Campinas: VIDE Editorial, 2014.

CELETI, Filipe Rangel. *Existencialismo*. Disponível em: <<https://www.google.com/search?ie=UTF-8&client=ms-android-samsung-gj-rev1&source=android-browser&q=existencialismo+filipe+rangelceleti>>. Acessado em 26 ago. 2019 às 15h23.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962 – 1965, Vaticano. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. In: *Compêndio do vaticano II: Constituições, decretos e declarações*. 31. ed. Petrópolis - RJ: Vozes.

DAMASCENA, Francisco Agamenilton. *O Personalismo de Karol Wojtyla*. Revista Trilhas Filosóficas. n. 1, 2016.

FERNANDEZ, Clemente. *Los filósofos Medievales: Filosofia Patristica, Filosofia Arabe y Judia*. v. 1. Madrid: Biblioteca de autores cristianos de La Editorial Católica, 1979.

FOLLIET, Joseph, *L'avenement de Prométhée*. Lyon, 1951.

GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino: psicologia, metafísica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Dom e Mistério*. São Paulo: Paulinas, 1996.

LUCAS, Ramón Lucas. *O homem espírito encarnado: compêndio de filosofia do homem*. São Paulo: Seminário Maria Mater Ecclesiae, Santa Isabel, 2005.

MARITAIN, Jacques. *La personne et le bien comum*, Obras completas, vol. IX, 1947.

MARTINS-FILHO, Ives Gandra. *Manual esquemático de filosofia*. 4. ed. São Paulo: LTR, 2010.

_____. *Manual esquemático de história da filosofia*. São Paulo: LTR, 1997.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MONDIN, Battista. *O homem: quem é ele?: elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

PLATÃO. *Fédon*, in: *Os pensadores*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia filosófica*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Filosofia pagã antiga*, v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *História da Filosofia: Patrística e Escolástica*, v. 2. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005A.

_____. *História da Filosofia: Do Humanismo a Descartes*, v. 3. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005B.

_____. *História da Filosofia: De Spinoza a Kant*, v. 4. São Paulo: Paulus, 2005C.

_____. *História da Filosofia: Do Romantismo ao Empirio criticismo*, v. 5. São Paulo: Paulus, 2005D.

_____. *História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt*, v. 6. São Paulo: Paulus, 2006A.

_____. *História da Filosofia: De Freud à atualidade*, v. 7. São Paulo: Paulus, 2006B.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. *O conceito de pessoa na antropologia filosófica de Karol Wojtyła, o papa João Paulo II*. Disponível em: <<http://centrodomvital.com.br/o-conceito-de-pessoa-na-antropologia-filosofica-de-karol-woityla-o-papa-joao-paulo-ii/>>. Acessado em 12 ago. 2019 às 14h42.

SÁ EARP, Pe. Ney Affonso de. *Metafísica da participação e solidariedade ativa*, in: *Antropologia e Práxis no pensamento de João Paulo II*. Rio de Janeiro. Edições Lumen Christi, 1985.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Filosofias da afirmação e da negação*. 1. ed. São Paulo: É realizações, 2017.

SANTOS, Urbano Ferrer; CORDOVA, Reinaldo Batista. *Noções de pessoa e de família: perspectivas personalistas no século XX*, in: *Brasiliensis: Revista do Centro de Estudos Filosóficos-Teológicos Redemptoris Mater* – v. 8. N. 15. Brasília: Seminário Missionário Arquidiocesano Redemptoris Mater, 2019.

SAVIAN-FILHO, Juvenal. *Metafísica do ser em Boécio*. São Paulo: Loyola, 2008.

SEIFERT, Josef. *Fenomenologia e consciência na filosofia de Karol Wojtyła: para uma nova metafísica clássica*, in: *Antropologia e Práxis no pensamento de João Paulo II*. Rio de Janeiro. Edições Lumen Christi, 1985.

SCALA, Jorge. *Ideologia de Gênero: O neototalitarismo e a morte da família*. 2. ed. São Paulo: Katechesis, 2015.

SILVA, Anevair José da. *A pessoa humana frente ao desafio do gênero*. De Magistro de Filosofia. n. 23, 2018. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2018/04/a-pessoahumana-de-frente-ao-desafio-do-g%C3%AAnero.pdf>>. Acessado em: 28 abr. 2018 às 10h12.

SILVA, Paulo Cesar da. *A antropologia personalista de Karol Wojtyła: pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideia & Letras, 2005.

_____. *A ética personalista de Karol Wojtyła*. Aparecida: Ed. Santuário, INISAL, 2001.

STORK, Ricardo Yepes. *Fundamentos de antropologia: um ideal da excelência humana*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.

VILELA, Pe. Orlando. *A Pessoa Humana no Mistério do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1968.

WOJTYLA, Karol. in: FROSSARD, Andre. *No tengáis miedo*. Barcelona: Plaza & Janés, 1982.

_____. *Amor e responsabilidade*. São Paulo: Cultor de livros, 2016.